Imagens Urbanas em Contextos Africanos

BRUNA TRIANA
Universidade Federal de Goiás | Goiânia, GO, Brasil
brutriana@gmail.com

INÁCIO DIAS DE ANDRADE
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
inacio.and@gmail.com

JOÃO PEDRO RANGEL GOMES DA SILVA
Universidade de Campinas | Campinas, SP, Brasil
University of California | Berkeley, CA, Estados Unidos
jprangelsilva57@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe213100

Por meio da articulação entre dois campos principais - o visual e o urbano -, este dossiê buscou conjugar pesquisas que tensionassem discursos, imaginários, representações, figurações e políticas sensoriais em torno de diferentes cidades africanas. Nesse sentido, o conjunto de artigos aqui reunidos dedicam-se, a partir de diferentes perspectivas e abordagens, a apresentar modos de (re)imaginar e problematizar a vida social, a arte, a política e a cidade colonial e pós-colonial, seus trânsitos, utopias e subversões, em suas dimensões práticas, políticas, estéticas e sensoriais.

Questões sobre condições, contextos e práticas do olhar, políticas de memória e suas atualizações no presente, discursos coloniais e a racialização do espaço, bem como a construção arquitetônica de modernidades e urbanidades atravessam, de diferentes formas, nossas próprias pesquisas (Andrade, 2020; Silva, 2020; Triana, 2020, 2023). Dessa forma, ao combinar nossos interesses de pesquisa, voltados às histórias dos colonialismos, processos de racialização, fotografia, arquitetura e cidade, nossa ideia era não apenas estender o debate sobre o campo do visual em diferentes cidades a partir da antropologia; mas, sobretudo, compreender as implicações das imagens e imaginações nos mais variados processos urbanos do continente, ressaltando a plasticidade de suas formas e conteúdo, sua ambivalência e opacidade.

A história de África, narrada e tensionada a partir de suas imagens, já foi debatida sob diversos prismas: o olhar imperial, as classificações e hierarquizações raciais, as políticas de controle, o excesso de signos, as representações, os museus e as exposições etc. (Tagg, 1993; Sekula, 1986; Poole, 2005; Wallis, 1995; Behrend; Werner, 2001; Hayes et al., 1998). Por outro lado, distintos movimentos teóricos buscaram ressignificar as imagens do passado, pontuando questões de agência e resistência, as limitações da ideia de gênero fotográfico, a construção da história e dos imaginários políticos e urbanos, as subjetividades e relações de poder, as

CC BY NC SA

ambivalências e apropriações, o afrofuturismo etc. (Bajorek, 2010; Edwards, 2001; Hayes, 2011; Mayer, 2000; Ranger, 2001). Conforme proposto por pensadores africanos contemporâneos (Achebe, 1988; Hountondji, 1996; Mbembe, 2001; Sarr, 2019), na tentativa de entrelaçar a historiografia do continente com grandes eventos globais, qualquer que seja a perspectiva adotada, a análise da produção, reprodução, circulação e consumo de imagens do continente africano não pode prescindir do entendimento, empírico e teórico, da inequívoca relação entre o pensamento racial ocidental e a emergência da modernidade, do Estado e do capitalismo contemporâneos.

Do mesmo modo, a história da urbanização, seja ela em África ou alhures, não pode ser entendida separada da grande narrativa ocidental de modernização e racionalização do mundo, construída sobre os parâmetros dessa longeva alteridade colonial. A constituição do "urbano" ou das "cidades" enquanto objeto de estudo passou inegavelmente pela definição do que seria o "moderno" e, consequentemente, o "tradicional". Nesse sentido, diferentes temáticas, abordagens e questões foram delineadas a fim de dar conta e definir características do fenômeno urbano, sendo que muitas delas foram testadas empiricamente nas colônias, territórios tidos como ruralizados, arcaicos, atrasados e carentes da intervenção especializada das metrópoles (Mitchel, 1988; Rabinow, 1989; Home, 1990; Fuller, 2007; Avermaete et al., 2010; Stoler, 2010).

A narrativa moderna de progresso e bem-estar social e tecnológico que legitimou a prática colonial foi amplamente amparada por imagens que chegavam desses territórios distantes, ora ressaltando a distância tecnológica e moral entre populações brancas e negras, europeias e africanas, urbanas e rurais, ora exaltando as grandes realizações urbanas das nações e dos povos metropolitanos nos territórios conquistados. Paralelamente, os estudos citadinos, que ganham corpo ao longo do recrudescimento dos regimes coloniais, foram também influenciados pelas metanarrativas da urbanização, da modernização e do desenvolvimento que pareciam cada vez mais incontestes com a proliferação de imagens de populações africanas. A circulação de tais ideias e figuras – e da própria origem dos estudos urbanos – constituiu uma forma de tornar um passado africano imaginado, visível e cognoscível, ao mesmo tempo em que apresentava aos olhos dos mais variados atores sociais um futuro supostamente unilinear e ocidental.

As exposições coloniais são eventos que nos permitem observar a conjugação dessas narrativas modernas de progresso e civilidade com a construção visual, espacial e urbana do que se imaginava serem as colônias em contraposição às metrópoles. Elas nos revelam o imbricamento entre colonialismo, cultura e a visualidade. Estas grandes exposições, realizadas desde meados do século XIX, pretendiam expor a suposta superioridade racial dos colonizadores frente aos colonizados enquanto grandes experiências sensoriais. Apesar das exposições coloniais não serem o foco deste dossiê, elas estavam associadas à produção imagética das colônias, dos colonizados, e foram palco para o desenvolvimento urbano de cidades. Assim, os legados destes eventos permanecem nos contextos pós-coloniais e em discussões relevantes sobre o aspecto contemporâneo e político dos acervos de museus, monumentos e ordenamentos urbanos, bem como sobre a produção da história e os silenciamentos associados a estes espaços e visualidades (McLaren, 2021; Wekker, 2016; Bianchi; Scego, 2014; L'Estoile, 2015; Kuper, 2023).

Por um lado, a fotografia desempenhou um papel fundamental nas formas de conhecer e construir representações, discursos e práticas coloniais (Vicente, 2014). Por outro, a cidade se estabeleceu como um espaço onde se concretizaram dinâmicas de poder, dispositivos de racialização e projetos de modernidade (Domingos; Peralta, 2013). Poderíamos dizer, então, que fotografia e cidade se encontram na encruzilhada dos saberes e fazeres coloniais. A narrativa da invenção da fotografia, na Europa do século XIX, coincide, justamente, com a organização dos campos disciplinares – como antropologia, sociologia, geografia, biomedicina – e com os processos de urbanização, industrialização e expansão colonial-imperial.

É nesse sentido que Ariella Azoulay (2013, 2019) nos provoca não só a deslocar as origens da fotografia dessa narrativa vencedora de tecnologia e progresso, mas também a refletir sobre a espacialidade e temporalidade imperial. Isso significa compreender as formas pelas quais a fotografia, bem como outras tecnologias, se assentava em estruturas imperiais de poder e legitimação da violência sobre o outro racializado. Entretanto, foram essas mesmas estruturas, em suas múltiplas relações com conflitos, modos de resistência e processos de ressignificação de caráter estritamente local, que permitiram a construção de um espaço transnacional imagético de contestação (Azoulay, 2019). É a essa dimensão política e estética da diáspora a qual a clássica obra de Gilroy (2001) nos remete. Uma arena política de símbolos em disputa capaz de transcender instituições estatais e imperiais de governo e desafiar temporalidades marcadas por periodizações por demais estanques que privilegiam mais a ruptura do que a continuidade dos processos sociais.

Com efeito, o conjunto de artigos que constituem esse dossiê buscam ampliar nosso entendimento sobre o que são tais imagens. A proliferação de fotografias, pinturas, cartões postais, planos arquitetônicos, grafismos e diferentes representações imagéticas de/em urbes africanas se apresentam como meios de inventar, legitimar, materializar e tornar visível utopias urbanas e ordens sociais imaginadas por diferentes atores e com interesses políticos dos mais heterogêneos. Nessa medida, é interessante partir de uma compreensão mais ampla do campo visual, restrito não apenas as tecnologias de produção e reprodução, como a fotografia e o cinema, mas também o virtual e o digital, as artes visuais, as imaginações e as políticas sensoriais das imagens, as exposições e arquivos etc. Os artigos e ensaios visuais aqui reunidos procuram, em alguma medida, compreender os modos de circulação, os atores, as redes, os contextos sociais, as relações de poder e os ordenamentos simbólicos e epistemológicos envoltos nos processos de "tornar as coisas visíveis" (Hayes; Minkley, 2019).

Nessa linha, o artigo "Tanga: imagologia literária de uma cidade africana", de Silvio Correa (2023), apresenta uma original reflexão sobre as figuras literárias que habitam a obra de Mongo Beti. Ao discorrer sobre as distintas relações entre os variados grupos que compõem a cidade colonial, o romancista camaronês nos convida a um passeio pelas ruas de Tanga. Nesse trajeto, Beti busca acessar o repositório visual sobre cidades de seu leitor. As vidas de suas personagens são atravessadas por representações de centros metropolitanos disseminadas por obras clássicas das ciências sociais, da psicologia e dos estudos pós-coloniais. Entretanto, é nesse jogo constante entre representações locais e exógenas que circulam nesse espaço imagético transnacional que a literatura de Beti procura transformar "hetero-imago-tipos" por meio de

imagens literárias locais. Ao mesmo tempo em que dialogam com tais ideias, esses "auto-imago-tipos" africanos subvertem representações exógenas de suas cidades e habitantes, desafiam premissas clássicas da sociologia e antropologia urbanas e complexificam ideias de *continuums* universais entre campo e cidade.

São algumas dessas questões que se expressam de modo mais concreto nos artigos "'Bem vindos a Adis Abeba: A vibrante capital diplomática da África': Tensões e representações políticas a partir dos ordenamentos urbanos na Etiópia contemporânea", de Jacqueline Wahbe (2023), e em "Rostificação e figurabilidade: teses gráficas do rosto na arte parietal egípcia", de Potyguara Alencar dos Santos (2023). A partir de referências distintas e contextos históricos diversos, as autoras apresentam análises originais sobre instituições políticas em África, seus processos de construção e legitimação históricos e seus legados contemporâneos, cujo alcance e vigor são atualmente contestados por movimentos emancipatórios locais na esteira de lutas políticas globais.

O texto de Jacqueline Wahbe analisa o papel de concepções e signos de poder que impulsionaram a construção de Adis Abeba e ajudaram a reivindicação da sua posição de "capital diplomática da África". A produção do espaço urbano da capital etíope é resultado de uma disputa contínua entre diferentes atores e instituições, nacionais e internacionais, sobre símbolos e representações do poder expressos concretamente nos edifícios e ruas da cidade. São imagens da emancipação e independência africanas, frutos de um contexto histórico específico, que são atualmente questionadas no Egito revolucionário contemporâneo. Potyguara Santos mostra como o muralismo egípcio usa de técnicas de zoomorfização e deificação para reordenar lutas e identidades populares que transbordam dos códigos produzidos por instituições na aurora da sociedade pós-colonial. Paralelamente à transferência dos espaços protegidos dos ateliês para as paredes urbanas de Cairo, que perturba e transforma símbolos de poder antes constituídos, o muralismo egípcio abre espaço enunciatário para um ator político ainda em formação cuja potencialidade é constituída pela multiplicidade de programas políticos que engendra. Ambos os textos apresentam bons exemplos de como as imagens podem nos ajudar a etnografar rupturas e continuidades de embates políticos urbanos entre os períodos colonial e pós-colonial.

É a partir dos sentimentos e quimeras produzidas pelo trânsito de fotografias nesse espaço civil ampliado (Azoulay 2019) que as comunidades luso-chinesas de Moçambique reformulam seu presente, enquadrando e recortando elementos de seu passado, na tentativa de interpretar imagens urbanas de Curitiba por meio de paisagens coloniais imaginadas. Nesse sentido, Lorenzo Macagno apresenta-nos uma tradução revista e ampliada de seu texto originalmente publicado no periódico *Lusotopie*. Em "Luso-chineses de Moçambique: fotografia e modernidade na Beira tardo-colonial", a partir das imagens produzidas pela diáspora luso-chinesa, Macagno (2023) nos mostra como a incipiente modernidade moçambicana de Beira, expressa em suas ruas e edifícios modernistas, bem como em cenas da vida privada dessas famílias, foi apropriada por meio de imagens familiares e cenas de "intimidade pública". A seleção dos elementos visuais, a circulação dessas imagens e a teatralidade de posições e situações são utilizadas pelo autor para analisar a transformação de imigrantes chineses em "bons-portugueses", incorporando elementos de uma identidade lusitana moderna. A tradução agora

publicada apresenta novos dados e descrições etnográficas que visam corroborar esses argumentos. Nesse sentido, os argumentos em torno da apropriação simbólica de monumentos colonialistas e de símbolos lusotropicais por parte da comunidade chinesa são originais. Da mesma forma, a analogia entre os *rickshaws* asiáticos e as canoas africanas são ilustrativas da posição ambígua que populações minoritárias ocupavam na sociedade colonial e de sua constante necessidade de reforçar e reformular suas posições liminares nos interstícios de grupos sociais no Império Português.

O dossiê traz, ainda, dois ensaios visuais na seção *Quimeras*, ambos centrados nas ruas de duas cidades africanas: Pikine, na região de Dacar (Senegal) e Acra (Gana). Em "As paredes de um subúrbio de Dacar", Cristiano Sobroza Monteiro (2023) nos leva pelos caminhos de um departamento da região da grande Dacar, revelando e costurando, em diferentes níveis e formas, as dimensões da visualidade e das sociabilidades do bairro. Já em "Carros globais, Paisagens locais: capturas das automobilidades em Acra (Gana)", Deborah Fromm (2023) apresenta os trânsitos, circulações e relações que compõem a paisagem urbana de Acra, entre automóveis, oficinas, peças automotivas, ruas e pessoas. Ambos os ensaios combinam olhar etnográfico, *flânerie* e preocupação com as formas de dar a ver a cidade, seus muros, seus objetos, ruas e relações, pela imagem.

Desse modo, o conjunto de textos e ensaios apresentados, apesar dos variados temas e abordagens, são atravessados por questões comuns aos campos da antropologia visual, dos estudos urbanos e do colonialismo. De modos diversos e de perspectivas distintas, os/as autores/as se perguntam: Quais os legados do colonialismo nos ordenamentos urbanos? Como estes legados impactam as relações de força que se constituíram e se transformaram no tecido sócio-político destas cidades e seus sujeitos? Como as produções imagéticas sobre/nestas cidades e seus sujeitos imaginam sua própria história? O que é possível apreender a partir das experiências estéticas e sensoriais destes contextos?

O dossiê "Imagens Urbanas em Contextos Africanos" engloba, portanto, uma variedade de perspectivas e abordagens para (re)imaginar e questionar a vida social, a arte, a política e a cidade nas realidades colonial e pós-colonial africanas. Nosso objetivo foi ampliar nosso entendimento sobre o significado das diferentes formas de imagens e de imaginação urbanas do e no continente. Assim, ao articular os campos visual e urbano, esse dossiê contribui para uma compreensão mais abrangente das cidades africanas e das políticas de memória e racialização do espaço que nelas se manifestam. Boa leitura!

Referências bibliográficas

ACHEBE, Chinua. 1988. *Hopes and Impediments:* Selected Essays, 1965-1987. London: Heinemann.

ANDRADE, Inácio. 2020. Uma modernidade alternativa?: arquitetura, raça e colonialismo em Lourenço Marques no período tardo-colonial. *Revista Educação E Ciências Sociais*, 3, no.5: 40-58. https://doi.org/10.38090/recs.2595-9980.2020.v3.n5.40-58.

AVERMAETE, T;, KARAKAYALI, S., & VON OSTEN, M. 2010. *Colonial modern:* aesthetics of the past rebellions for the future. London: Black Dog.

AZOULAY, Ariella. 2013. *The Civil Contract of Photography*. New York: Zone Books.

AZOULAY, Ariella. 2019. *Potential History: Unlearning Imperialism*. London: Verso.

BAJOREK, Jennifer. 2010. Of Jumbled Valises and Civil Society: photography and political imagination in Senegal. *History and Anthropology*, 21, n.4: 431-452. https://doi.org/10.1080/02757206.2010.521554.

BEHREND, Heike; WERNER, Jean-François (orgs.). 2001. Special Issue: Photographies and Modernities in Africa. *Visual Anthropology*, 14, no.3: 104-119.

BIANCHI, Rino; SCEGO, Igiaba. 2014. *Roma negata.* Percorsi postcoloniali nella città. Roma: Ediesse.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. 2023. Tanga: imagologia literária de uma cidade africana. *Cadernos de Campo*, 32, no. 1, e207357. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe207357.

DOMINGO, Nuno; PERALTA, Elsa (Orgs.). 2013. *Cidade e Império:* dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais. Lisboa: Edições 70.

EDWARDS, Elizabeth. 2001. *Raw Histories*: photographs, anthropology and museums. Oxford/NY: Berg.

FULLER, Mia. 2007. *Moderns Abroad*: Architecture, Cities and Italian Imperialism. London; New York: Routledge.

FROMM, Deborah. 2023. Carros globais, Paisagens locais: capturas das automobilidades em Acra (Gana). *Cadernos de Campo*, 32, no.1, e208395. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe208395.

GILROY, Paul. 2001. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34.

HAYES, Patricia; HARTMANN, Wolfram; SYLVESTER, Jeremy (eds.). 1998. *The Colonising Camera Photographs in the Making of Namibian History*. Cape Town: University of Cape Town Press.

HAYES, Patricia; MINKLEY, Gary. 2019. "Introduction". In *Ambivalent: Photography and Visibility in African History*, 1-32. Athens: Ohio University Press.

HAYES, Patricia. 2011. The Form of the Norm: shades of gender in South African photography of the 1980s. *Social Dynamics*, 37, no.2: 263-277. https://doi.org/10.1080/02533952.2011.615180.

HOME, J. K. 1990. Town planning and garden cities in the British colonial empire 1910–1940. *Planning Perspectives*, 5, no.1: 23-37.

HOUNTONDJI, Paulin. 1996. *African philosophy.* Myth and reality. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press.

KUPER, Adam. 2023. *The Museum of Other People:* From Colonial Acquisitions to Cosmopolitan Exhibitions. London: Profile Books.

L'ESTOILE, Benoît De; 2015. "Do Museu do Homem ao Quai Branly: as transformações dos Museus dos Outros na França". In CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; RUOSO, Carolina (Orgs.). *Museus e Patrimônio:* Experiências e devires, 103-119. Recife: Massangana.

MACAGNO, Lorenzo. 2023. Luso-chineses de Moçambique: fotografia e modernidade na Beira tardo-colonial. *Cadernos de Campo*, 32, no.1, e212676. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe212676.

MAYER, Ruth. 2000. "Africa As an Alien Future": The Middle Passage, Afrofuturism, and Postcolonial Waterworlds. *Amerikastudien/American Studies*, 45, no.4: 555–566. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41157608.

MBEMBE, Achille. 2001. *On the postcolony*. Berkeley: University of California Press.

MCLAREN, Brian L. 2021. *Modern Architecture, Empire, and Race in Fascist Italy*. Leiden: Brill.

MONTEIRO, Cristiano Sobroza. 2023. As paredes de um subúrbio de Dacar. *Cadernos de Campo*, 32, no.1, e207273. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe207273.

POOLE, Deborah. 2005. An Excess of Description: ethnography, race and visual technologies. *Annual Reviews in Anthropology*, 34, 159-179. https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.33.070203.144034.

RABINOW, Paul. 1989. *French modern:* norms and forms of the social environment. Chicago: University of Chicago Press.

RANGER, Terence. 2001. Colonialism, Consciousness and the Camera. *Past and Present*, 171: 203-215. https://www.jstor.org/stable/3600818

SANTOS, Potyguara Alencar. 2023. Rostificação e figurabilidade: teses gráficas da face na arte parietal egípcia. *Cadernos de Campo*, 32, no.1, e205158. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe205158.

SARR, Felwine. 2019. *Afrotopia*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

SEKULA, Allan. 1986. The Body and the Archive. *October,* 39, 3-64. https://doi.org/10.2307/778312.

SILVA, João Pedro Rangel Gomes da. 2020. Cultura e Barbárie na Exposição Colonial de Nápoles em 1940. *Iluminuras*, 21, no.53.https://doi.org/10.22456/1984-1191.100241.

STOLER, Ann Laura. 2010. *Carnal Knowledge and Imperial Power:* Race and the Intimate in Colonial Rule. Oakland: University of California Press.

TAGG, John. 1993. *The Burden of Representation:* essays on photographs and histories. Chicago: University of Minnesota Press.

TRIANA, Bruna. 2020. *Ensaios em preto e branco:* arquivo, memória e cidade nas fotografias de Ricardo Rangel. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. https://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-07052020-225703.

_____. 2023. Rastros, ruínas e decadência: contribuições para uma antropologia dos arquivos. *Revista de Antropologia*, 65, n.2: e197956. https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.197956.

VICENTE, Filipa (org.). 2014. *O Império da Visão*: Fotografia no contexto colonial português (1860-1960). Lisboa: Edições 70.

WAHBE, Jacqueline. 2023. "Bem-Vindo a Adis Abeba: A vibrante capital diplomática da África": Tensões e representações políticas a partir dos ordenamentos urbanos na Etiópia contemporânea. *Cadernos de Campo*, 32, no.1, e205159. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe205159.

WALLIS, Brian. 1995. Black Bodies, White Science: Louis Agassiz's Slave Daguerreotypes. *American Art,* 9, no. 2: 39-61. https://www.jstor.org/stable/3109184

WEKKER, Gloria. 2016. *White innocence:* paradoxes of colonialism and race. Durham/Londres: Duke University Press.

sobre os autores

Bruna Triana

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Professora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora Associada do PERIFÉRICAS (UFBA) e GRAVI (USP).

Inácio Dias de Andrade

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisador de pós-doutorado no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Professor no Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná.

João Pedro Rangel Gomes da Silva

Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. PhD student em Italian Studies pela UC Berkeley. Pesquisador vinculado ao LA'GRIMA (Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem) e ao CEMI (Centro de Estudos de Migrações Internacionais) da Unicamp.

Autoria: Os autores são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Sem financiamento.

Recebido em 13/06/2023.
Aprovado para publicação em: 20/06/2023.